

GRUNEC – GRUPO DE VALORIZAÇÃO NEGRA DO CARIRI E SUA TRAJETÓRIA INDISPENSÁVEL NA LUTA ANTIRRACISTA

Charlie Renatti da Silva

Resumo

O Movimento Negro no Ceará surge a partir do século XX, e sempre foi fundamental na busca por efetivação de políticas públicas. Visualizando a importância na construção de uma sociedade que incluísse a população Negra e Quilombola, o GRUNEC - Grupo de Valorização Negra do Cariri, tem contribuído ativamente para o resgate e inclusão da valorização Negra, no Cariri e Região, há mais de vinte anos. Este trabalho procura descrever, através dos registros/documentos coletados na sede do GRUNEC (Crato-ce), a trajetória do grupo, que é indispensável na luta antirracista. Observando os registros, percebe-se o comprometimento e forte atuação que o grupo mantém desde a sua primeira reunião e fundação (realizada dia vinte e um, do mês de abril, do ano de dois mil e um), como a busca ativa para a efetivação da lei nº 16.197/17 que dispõe sobre a instituição de cotas, na Universidade Regional do Cariri, assim como o projeto de lei 10.639.2003/CNE que alterou a LDB 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da disciplina de história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Palavras Chaves: Grunec; valorização negra; movimento negro; ensino.

Autor: Charlie.silva@urca.br, Graduando de História, URCA - Universidade Regional do Cariri. Orientadora: Cicera.urca@gmail.com, Cícera Nunes, Dra. Professora efetiva em Pedagogia, Coordenadora do NEGRER - Núcleo de Estudo em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais, URCA - Universidade Regional do Cariri.

Introdução

Qualquer movimento que tenha como fundamento a propagação e valorização da cultura e identidade negra pode ser chamado de Movimento Negro, assim diz Santos (1994). Os movimentos negros surgem a partir das violências contra a população negra no período da escravização. Muito antes da Nova República, a população negra expressava várias maneiras como forma de resistência, para sobrevivência, uma delas era através do aquilombamento.

Se “cada cabeça é um quilombo”, como anuncia Nascimento (1989), aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político. (SOUTO,

Estéfane. *Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea*, cit., p.141.)

Os quilombos que teve início neste momento, mas que não se reduz ao passado como afirma Beatriz Nascimento em seu Documentário “Ôri” de 1989. As resistências se formavam e se mantêm por meio da união, do agregamento, acolhimento e articulações. Assim se movimentava a Luíza Mahin, nascida na África, que se tornou quituteira em Salvador (1812), já iniciava o que mais na frente foi denominado de imprensa negra, pelas publicações de jornais produzidos por pessoas negras, logo no início da Nova República que tratava de um veículo para abordar, denunciar e reivindicar as questões raciais. Mahin, utilizava de sua profissão para repasse de informações, o seu tabuleiro era uma ferramenta através dos bilhetes escritos em Árabe, que eram colocados dentro dos quitutes para toda a comunidade, como forma de unir forças e realizar revoltas na Bahia, nas primeiras décadas do século XIX, como a Revolta dos Malês (1835) e a Sabinada (1837-1838).

Estiveram em evidência vários grupos que buscavam realizar mobilizações raciais através de publicações de jornais, manifestos, alterações nas práticas de ensino e muitos outros movimentos, com o intuito de modificar o cenário de marginalização e preconceito racial. Entre 1889-2000, podemos destacar o UHC (1943) União dos Homens de Cor, o TEN (1944) Teatro Experimental do Negro, o MNU (1978) Movimento Negro Unificado e o GRUCON (1980) Grupo de União e Consciência Negra.

No Ceará, os movimentos negros surgem da década de 1980 e no Cariri cearense, um grupo de ativistas da luta antirracista visualizam a importância, na região, da construção de uma sociedade que incluísse a População Negra e Quilombola criam o Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC. O grupo, fundado em 21 de abril de 200, já enxergava a necessidade de consolidação de políticas públicas antirracistas no Cariri e no Ceará. Possui como atual Presidenta (2023/2024) a advogada, educadora e mestre em Direitos Humanos - Livia Maria Nascimento Silva, Janayna Leite Silva como vice-presidente, Antônio Carlos Dias Oliveira historiador, escritor e pesquisador sendo o 1º Secretário, Maria Raiane Félix Bezerra pesquisadora e mestranda em sociologia a segunda Secretária, Francisco Givaldo Pereira pesquisador e historiador o 3º Secretário, Valéria Gercina das Neves Carvalho a primeira tesoureira e Maria de Lourdes Oliveira Matos como segunda tesoureira. O Grupo tem sido fundamental na busca e efetivação de projetos no campo educacional e social, como as políticas de cota e as reivindicações pela implementação do ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena; organiza a Marcha das Mulheres Negras do Cariri que teve início no ano de 2015 onde reuniu várias mulheres e se consolidou a partir do Projeto de Emenda à constituição (PEC) das empregadas domésticas, segundo Verônica Carvalho (2020) que é uma das fundadoras do GRUNEC; estando ativo também na Marcha contra a Intolerância Religiosa e o Congresso Internacional de Artefatos da Cultura Negra. Além disso, tem solicitado, reivindicado e implementado diversas ações para que se expanda a visibilidade e valorização Negra e Quilombola na região, como através do Mapeamento das Comunidades Negras e Quilombolas da Região com parceria das Cáritas Diocesanas, tudo em prol de políticas públicas e combate a todas as formas de opressões.

Objetivo

No primeiro momento deste trabalho é abordado brevemente momentos históricos do movimento negro a partir da “falsa” abolição da escravatura que inicia em 1889, tendo como objetivo compreendermos como o GRUNEC tem agido tão fortemente no cenário político-educacional desde a sua fundação em 2001 a partir de uma consonância com os movimentos nacionais, em prol de uma busca ativa em todos os âmbitos no que diz respeito a inserção da população negra, marginalizada, periférica e quilombola da região. No segundo momento é exposto documentos da memória do grupo que mostram essa consonância, documentos estes que são descritos e analisados a partir do ano da sua fundação, fazendo uma comparação com o ano atual, com o objetivo de perceber o que foi concretizado, as dissidências políticas e o que ainda está sendo reivindicado. Este artigo vem evidenciar uma imersão na luta antirracista através das fontes coletadas da memória do Grupo.

O projeto faz parte do programa de extensão da Universidade Regional do Cariri e traz essas propostas, como promover engajamento, aplicar conhecimento, fortalecer a formação dos estudantes e contribuir para o desenvolvimento local.

Metodologia

Foi utilizado o método de procedimento histórico através de fontes arquivadas para conduzir fenômenos passados, observado e analisado pela cronologia dos: Eventos; Atas de Reuniões; Jornais Afro Cariri; Mapeamentos das comunidades Quilombolas; Mapeamento da Efetivação da Lei 10.639.03 nas Escolas da Região; Ofícios; Notas de Repúdio; Regimentos; Fotos; Cartazes; Assembleias; Projeto RECID; Projeto Mulheres na Rua; Projeto Nós Mulheres; Declarações entre muitos outros, para compreender a trajetória do Grupo de Valorização Negra do Cariri registrados e armazenadas na sede do GRUNEC, realizando a digitalização das fontes físicas, onde já havia a necessidade de uma organização da memória do grupo a fim de construir um material digital de preservação da história registrados ao longo dos 22 anos de sua existência, para além do portfólio e site já existente, e discorrer sobre as evoluções, paralisações e/ou efetivações das ações do Grupo que ocorrem durante décadas e que traça um caminho indispensável na luta antirracista.

O trabalho de digitalização foi realizado junto com mais quatro estagiárias (do GRUNEC, naquele momento) do curso também de História: Bruna Meneses Pinho; Ilza Maria Ferreira dos Santos; Josefa Cecilia Borges Clementino e Maria Clara Paiva Peixoto de Alencar.

Resultados e Conclusão

Os movimentos negros tiveram início no período da escravidão e estão presentes mesmo diante das grandes dificuldades encontradas, principalmente em 1964 no ápice da ditadura, e em 2020 durante o grande impacto mundial sofrido

pela pandemia. Sempre houve formas e manobras de resistência para não parar de reivindicar, denunciar e articular para melhor sobreviver, pois as comunidades Negras, Indígenas e Quilombolas sempre foram as mais afetadas e/ou esquecidas pelos governantes. Assim vem atuando o GRUNEC a partir do ano de 2001, adentrando espaços, construindo, reivindicando e cobrando, mesmo diante de vários empecilhos, em prol da luta pelo bem viver. Se vê o comprometimento e forte atuação que o Grupo mantém desde a sua primeira reunião e fundação.

São anos reivindicando políticas e ações que não se concretizam em sua totalidade, ficando sempre a favor da disposição e sensibilização das autoridades que estão conduzindo os espaços, sejam eles nas câmaras municipais ou dentro das instituições de educação. Contudo, a existência da luta antirracista do Grupo de Valorização Negra na região do Cariri tem proporcionado meios para a inserção da discussão, reflexão e ação da luta em todos os campos sociais, atravessando as paredes do âmbito educacional como forma de saber, refletindo em vários grupos nas comunidades. Percebe-se que o compromisso político é a ação necessária para movimentar e concretizar as reivindicações.

Referências Bibliográficas

BEZERRA e NUNES, Maria Raiane e Cícera. Movimentos Negros no Ceará: um olhar sobre o Movimento de Mulheres Negras do Cariri. **O Público e o Privado**, v. n. 40, p. (49-71), set/dez 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. (100-122), 2007.

CUNHA JR., Henrique. Textos para o movimento negro. **Ensaio**. São Paulo: Edicon, 1992.

SOUTO, Estéfane. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Revista Metamorfose**, v. 4, n. 4, p. (133-144), jun de 2020.